



Relatório de Reunião

Data: 23.06.2020

Horário: 8h30 às 12h30

Local: Ambiente virtual

Participantes: Pró-Reitor Adjunto de Planejamento e servidores de infraestrutura.

Convidado: Prof. Eduardo Alexandrino Servolo Medeiros – Disciplina de Infectologia e da Comissão de Epidemiologia Hospitalar do Hospital São Paulo – EPM-Unifesp

Pauta:

Adequações de edificações para o retorno progressivo das atividades presenciais;
Sistema de acompanhamento de processos e organização do trabalho na área de infraestrutura

1. O Prof. Pedro Fiori Arantes deu início à reunião da Câmara Técnica de Infraestrutura às 8h30, falando sobre a importância da realização desta reunião, pois, apesar de não se ter uma data programada para o retorno das atividades, é preciso ter ciência de que para isso acontecer envolverá muitas etapas, processos e mudanças e que a equipe de infraestrutura terá um papel importante em algumas dessas mudanças.

É preciso levar em conta a situação orçamentária da universidade, por isso adaptações não podem ser custosas nem onerosas, considerando o contexto em que vivemos.

Informou que foi criado um comitê que trabalhará em diversas áreas para tratar do retorno e que a CTInfra poderá enviar propostas e receber demandas durante esse trabalho.

Prof. Eduardo Medeiros iniciou fazendo um histórico do surgimento da doença há cerca de 6 meses em uma cidade da China, de início acreditavam ser um quadro de pneumonia, porém com o passar dos dias verificou-se que era causada por um novo coronavírus, depois a doença se espalhou para Ásia, Europa e a partir daí para as Américas.

Aqui no Brasil a doença teve seu primeiro caso confirmado após o carnaval, 26/02/2020, com viajantes que estiveram na Europa, principalmente vindos da Itália, e após isso se alastrou, começando inicialmente em capitais. No Brasil, o primeiro epicentro da epidemia foi São Paulo, capital.

É uma doença com alta transmissibilidade e é transmitida por gotículas (com alcance de 1,5 a 2 metros, espirros e tosses tem alcances maiores) e por contato (principalmente colocando mãos em superfícies infectadas e levando a boca ou olhos). As principais formas de prevenção são o uso de máscaras, higienização das mãos e distanciamento social.

Acredita-se que em São Paulo (capital), atualmente estamos em um momento de estabilização da doença e permaneceremos neste patamar ainda no mês de julho quando começará a cair. Apesar de se ter muitas pessoas infectadas a grande maioria é assintomático ou sintomas leves (aproximadamente 80%), de 10 a 15% tem sintomas moderados, podendo precisar de internação e de 5 a 10% evoluem para forma grave e necessitam de UTIs e respiradores, por isso há essa corrida para a compra desses equipamentos; essa população que evolui para casos mais graves a grande maioria tem idade superior a 60 anos e apresentam comorbidades (cardiopatias, diabetes). Hoje o



panorama é que a doença está ganhando força no interior do estado, principalmente em cidades próximas a grandes rodovias. No Brasil, estão aumentando os casos nas regiões Sul e Centro-oeste.

Essa doença não vai desaparecer, circulará entre nós e baseados com o que estamos acompanhando em outros países é que teremos ondas de contágios, surtos localizados e posterior diminuição.

Como instituição, devemos garantir o mínimo de segurança, condições adequadas para diminuir de forma significativa a transmissibilidade em nossa comunidade, algumas ações práticas que devem ser tomadas:

- Sinalização em ambientes comuns: (elevadores, área de espera, área de convivência) com marcação de onde cada um poderá ficar respeitando a distância mínima entre as pessoas;
- Reorganização de refeitórios: este é um local altamente perigoso, pois as pessoas ficam sem máscara para comer e costumam conversar. Esses locais demandam especial atenção;
- Higienização das mãos: deixar dispensadores de álcool gel em todos os lugares acessíveis, junto das salas de aula, nos corredores, próximos das entradas, nas estações de trabalho, lugares de grande circulação e que não tenham pia com água e sabão;
- Banheiros: lugar de grande fonte de infecção, as cubas precisam ser maiores, as mãos não podem bater nas louças da pia, ter fechamento automático nas torneiras e dispensadores de sabão e papel toalha. Nos vasos sanitários a descarga somente com a tampa fechada, com tampa aberta, gera um aerosol com capacidade de contaminar em um raio de até cerca de dois metros; é preciso ter tampas e orientação.
- Ventilação: ter ventilação no ambiente é fundamental para evitar a proliferação do vírus, deixar janelas abertas com circulação de ar, pois locais com janelas fechadas aumentam o risco de contaminação, ar condicionado espalha o ar contaminado, é preciso melhorar a ventilação e pensar em como fazer uma troca de ar mais efetiva, é preciso que seja estudado pela engenharia a garantia de ventilação dos locais, em especial os que concentram mais pessoas. Se mantida exaustão nas salas, isso ajuda sobremaneira – aumentar o índice de renovação do ar.
- Equipes de higiene e limpeza precisam ser fortalecidas e reforçadas para se ter uma limpeza mais eficiente e frequente, em especial nos lugares de maior concentração e risco como refeitórios e banheiros, nesses lugares é preciso ter turno regulares passando 3 a 4 vezes por dia e uso de hipoclorito de sódio na limpeza dos banheiros, o vírus morre facilmente com álcool 70% ou hipoclorito de sódio.
- Ter uma enfermaria orientada para identificar rapidamente algum sintoma inicial (febre, falta de ar, tosse) e já encaminhar para atendimento médico. Não dá mais para se ter pessoas sintomáticas (com uma “gripinha”) trabalhando: pode ser Covid-19, em pessoa menos suscetível aos sintomas! Assim, toda pessoa com tosse, febre ou falta de ar deve ser avaliado por profissional habilitado.
- As reuniões precisam ser on-line.

Aberta a palavra aos presentes:

- Pedro Arantes: Todos os usuários precisarão estar usando máscaras? Precisa ter medição de temperatura na entrada?



EM.: Sim, o uso da máscara é obrigatório, inclusive com lei em São Paulo, o controle de temperatura é desejável, mas devemos talvez avaliar. Estamos num ambiente universitário, caso tenhamos o profissional para medir a temperatura de alguém que esteja com algum tipo de sintoma conforme referi, talvez o impacto de um controle no acesso seja menor, menos justificável, que em locais de passagem como aeroportos e supermercados. Talvez disponibilizar termômetros, mas com um profissional habilitado a fazer a checagem. Seria algo de mais baixo custo, e acredito que adequado.

- Pedro Arantes: Havia sido falado de pias nos corredores, caso tenhamos o álcool gel nos corredores e os sanitários atendendo ao que foi apontado as pias em corredores poderiam ser dispensadas?

EM: Isso precisa ser estudado, em refeitórios e banheiros é obrigatório ter pia, nos outros lugares caso haja os dispensadores de álcool gel, seria suficiente. Entretanto, os dispensadores requerem mais manutenção do que as pias. O dispensador quebra, as pessoas acabam deixando aquilo esquecido ali. Importante manter íntegro, com troca frequente e manutenção.

- Virgílio: Aqui no Campus São Paulo está se instalando ar condicionado em tudo, isso precisará revisto, você acredita que a partir de agora será o caso de interditar salas sem janelas e limitar a instalação de equipamentos de ar-condicionado?

EM: Estamos numa situação especial no momento, de doença transmissível pelo ar, se temos o ar circulando em ambiente fechado favorece a transmissão do vírus. Entretanto, dou aulas em anfiteatros, sabemos que se torna impossível dar aula nesses locais sem equipamento de ar-condicionado no verão. É importante ter um sistema de exaustão. O grande problema é não ter renovação de ar, mas conforto também é importante, é melhor uma sala com janela aberta do que fechada com ar condicionado, caso não tenha troca com o exterior.

- Pedro Arantes: O uso de ventiladores seria mais adequado?

EM: Não, porque com ventilador fica circulando o mesmo ar e vira um turbilhão, exceto se houver um fluxo direcional. Precisa ter um sistema de troca de ar com o ambiente externo.

Melissa – não temos ventiladores no CSP; temos salas sem janelas também. Seria o caso de interditar esse tipo de sala – ex: anfiteatro B – desde já por cerca de um ano?

EM: Isso será um grande problema, pois já temos uma enorme deficiência em locais para aula, o anf-B realmente não é adequado. Eu diria que o anf-B não dá pra usar no momento, mas é preciso ser feita uma avaliação em todos os locais para se ter um parâmetro das instalações e precisamos de soluções de infraestrutura, para exaustão. São esses locais que demandam um olhar da área de infra, para prover soluções que possibilitem o uso. Projetos, a partir dos quais possamos buscar o recurso para as adequações necessárias.

Bloco de perguntas:

Anderson: Riscos para pessoas que usam transporte público?

Julie: Expectativa para retorno? Prazo para implantação das mudanças?



João Carlos: No Campus Diadema temos unidades espalhadas, então talvez montar uma enfermaria não seja viável, mas precisam ter soluções práticas. Citou um exemplo que viu em um comércio onde colocaram uma pia e torneira, com placa “lave sua mão”. Esse tipo de ação, ainda que inestética é recomendável?

Lucian: Fazendo um caderno de encargos para possível padronização no Campus SP, encontrei referência do uso de cobre como um agente antimicrobiano em algumas superfícies de contato como portas, corrimão e etc. Isso é recomendável, apesar do cobre não ser tão utilizado em virtude do alto custo? Caberia inclusão no caderno de encargos por questão sanitária?

EM: A pessoa já deve sair com a máscara de casa e ter álcool gel disponível para usar no transporte público como medida de prevenção.

Quanto ao prazo para retorno o cenário epidemiológico para retorno podemos pensar em setembro ou outubro. Segundo Prof. Eduardo Massad, estatístico, professor da USP e da FGV, estimava pico no Brasil em julho, depois estabilização e redução progressiva com possível viabilidade de retorno progressivo a atividades presenciais, acredito essa perspectiva é plausível. A doença se tornaria endêmica, no prazo em que esteja estabilizada, não estaria eliminada. Assim, seria um retorno com limitação das atividades presenciais. Rodízio de turmas, algo cujo detalhamento deve ser ainda mais bem definido.

Quanto as pias podem ser estudadas locais centrais, com uma quantidade maior de pias instaladas no mesmo local, na impossibilidade totens com álcool gel, coisas que chamem a atenção para local de limpeza são boas soluções.

O uso do cobre já foi objeto de muito estudo por proporcionar menor aderência dos microrganismos, apresenta menos biofilme na superfície. É utilizado como revestimento de caixas de água em unidades de imunodeprimidos. Grande problema: é caro, e não sabemos a aderência em relação a vírus – sabemos sobre bactérias e fungos, não sabemos se o efeito seria semelhante quanto ao Covid-19. Em vista do alto custo e dúvida sobre resultados, acredito que para o momento não seria recomendável.

4

Bloco de perguntas:

Felipe: é preciso fazer controle de temperatura na entrada de todos os prédios?

Sinara: E quanto a questão da Paulistinha, como o público lá é de crianças de 0 a 10 anos, existe maior dificuldade em seguir orientações dos adultos, a infraestrutura precisa ser adaptada às necessidades delas. O álcool gel é apropriado para uso?

Cesar: Sobre os sanitários, as portas, quando há anteparos, podem ficar abertas? Saboneteiras ou dispensador com sabonete líquido? Papeleira ou secador? Cestos de papel com ou sem tampa? Sobre cumprimentarem-se dando as mãos, confirma não recomendável? Elevadores: muitos comportariam apenas uma pessoa (cabins com até 1m²)? Dispensadores álcool seriam mais eficientes dentro do elevador que nos corredores?

Debora: proteção de acrílico nos balcões e mesas em que há atendimento contribui para evitar contaminação?

Felipe: e quanto ao grupo de risco, voltarão ao trabalho?

Wander: O Campus Diadema possui unidades espalhadas, no transporte usado para o deslocamento das pessoas entre as unidades é preciso ter higienização?



Marcos: Campus Guarulhos possui mais de 4.000 alunos matriculados, além de servidores (docentes e TAEs) e profissionais terceirizados. Majoritariamente, esse público utiliza o transporte público para a locomoção.

EM – Sobre a Escola Paulistinha seria apropriado fazer uma visita técnica, podendo ser entre a direção do campus (acadêmica e/administrativa), engenharia e o departamento para avaliarmos e definirmos as alterações necessárias para esse público. Para as crianças menores de 7, 6 anos não é recomendado o uso de álcool em gel, pois podem levar as mãos aos olhos, para elas é recomendado água e sabão e o uso de máscara (não recomendada para menores de 2 anos), mas o ideal é fazer uma avaliação no local de todas as necessidades.

As pessoas de risco: podem trabalhar, tomando os devidos cuidados, analisar necessidade de direcionar para locais mais protegidos, etc. Vale analisar caso a caso. A pessoa que apresente algum risco específico deve procurar sua chefia imediata, para avaliar alternativas. Importante também apoio do SESMT/NAE. Mas acredito não temos essa possibilidade de simplesmente manter afastado – por qual prazo? Mais de um ano? Pois, como disse, a epidemia não vai simplesmente acabar, aí uma pessoa com mais de sessenta anos, em plena atividade, vai ficar em casa por mais de seis meses? Um professor que tenha pressão alta, plenamente ativo, vai ficar afastado por tempo indeterminado? Acredito que não seria adequado. Vamos precisar de um “novo normal”.

É preciso fazer licitação conjugada dos dispensadores, toalheiros, saboneteiras, com fornecimento do sabão, das toalhas de papel e incluir a manutenção, tudo junto, porque não adianta comprar o equipamento de um lugar se quando comprar o material não servir, ou quebrar e não ter manutenção. Caso contrário ficamos sempre comprando novamente sem garantia de manutenção dos padrões e em pouco tempo vemos novamente as garrafinhas de plástico improvisadas em porta-sabão. Não pode se ter cestos de papel higiênico, precisam ter tampa. Os elevadores precisam de sinalização indicando onde cada pessoa deverá ficar, assim inibe-se a superlotação. Álcool em gel dentro do elevador não é recomendado por atender poucas pessoas, o ideal é que seja próximo, pois atende não apenas quem está dentro do elevador, mas quem passa pelo local e os que vão entrar no elevador também. Protetor acrílico: é interessante para locais com atendimento ao público, protege das gotículas. Em balcão de secretarias, mesmo em ambientes de escritório onde haja mesas conjugadas, ter uma proteção entre dois postos. Ajuda, mas não substitui a máscara.

Sobre transporte em micro-ônibus de campi: tomar os devidos cuidados, higienizar, limitar a quantidade de usuários. Nos EUA é comum que o motorista faça a higienização.

- Pedro Arantes sugere como encaminhamento deste ponto a formação de 4 GTs que farão estudos de viabilidade de propostas dentro de suas áreas e apresentarão os resultados na próxima CTInfra. Os GTs farão recomendações para equipes de Manutenção e Obras. Deverão ser adequadas com recomendações de outras áreas.

GT 1 – Banheiros (acessórios, torneiras, pias, detalhamento, higienização etc): Cesar Luiz Mazzaracotti – CSP; Juliana Mateusa – Osasco; Claudio Lemos – Reitoria; José Manoel Asorey – SJC; Edison Maneschi – Osasco; Aderbal Santo - SJC



GT 2 - Restaurantes Universitários (sinalização, layout, cozinha, etc): João Carlos Duarte – Diadema; Lucian Bernardi – CSP; Andre Caram – Reitoria; Eder Mantovani - Baixada Santista; Pedro Rosetto – Guarulhos; Sergio Pinheiro – SJC; Danilo Manhani - Baixada Santista; Rafael Guedes – Osasco; Isis (convidar) – Reitoria (PRAE)

GT 3 - Áreas comuns, infraestrutura predial, sinalização geral: Janete Marques - Guarulhos; Hodylon Moura - Baixada Santista; Armindo Cabral - Baixada Santista; Eduardo Javaracotti - Baixada Santista; Andre Higa – CSP; Wander Pereira – Diadema; Samuel Bicalho – SJC; Sara Miguel - Osasco

GT 4 – Espaços laborativos (salas de aulas, de docentes, terceirizados, escritórios, bibliotecas etc): Marina Lorenzoni – SJC; Danilo Manhani - Baixada Santista; Haluane Santana – Osasco; Nathan Blaske – Diadema; Sinara Farago – CSP Anderson Tanaka – Diadema; Gilberto Meleti – CSP; Soraya Jebai Quinta – CSP; Melissa Cenachi - CSP

2 – André Caram: apresentou a planilha que está sendo desenvolvida para a organização do trabalho, a ideia principal é em se ter um desenvolvimento e mesmo que o servidor responsável por determinada obra ou serviço não esteja disponível outro servidor consiga facilmente ter acesso às principais informações.

6

Alex Sartori: explicou como será o desenvolvimento do trabalho, a divisão em duplas para cada campus, detalhando cada item da planilha e como será o acesso dos servidores para o preenchimento das informações.

Aberta a palavra aos presentes que sanaram dúvidas e apresentaram sugestões para a melhoria da planilha que será compartilhada com todos os servidores.

- Pedro Arantes: acrescentou que o objetivo deste trabalho é consolidar a área de infraestrutura com documentos, manuais e fluxos de trabalho definidos, informando que a próxima Câmara Técnica será com estudo de casos da parte de elétrica e mecânica. A reunião foi então declarada encerrada às 12h.